

EDITORIAL

O Centro de Estudos da Imaginária Brasileira continua trabalhando para obter os recursos necessários à realização do VII Congresso Internacional do Ceib. O projeto já foi enviado para a Coordenação de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o estaremos enviando esta semana para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

No dia 30 de junho foram encerradas as inscrições para submissão de resumos, os quais já foram encaminhados para a Comissão de Seleção. Do dia primeiro de julho até 31 de agosto as inscrições estarão com outros valores e, de setembro até a realização do Congresso, haverá novas alterações (ver no site). Recebemos 92 inscrições e 46 resumos, que estão sendo avaliados pela Comissão Científica, podendo ser selecionados para comunicações ou *posters*. Os resultados serão divulgados no dia 19 de agosto.

Recebemos, e aceitamos com prazer, o oferecimento muito importante do professor Dr. João Cândido Portinari, para fazer uma palestra sobre “A imaginária religiosa de Portinari”, que será apresentada na abertura do evento. Na ocasião, teremos também a apresentação do duo: organista Elisa Freixo (cravo) e Rodrigo Almeida, (poemas).

O Ceib está trabalhando também para obter patrocínio para a publicação da revista *Imagem Brasileira*, número 5, que já está aprovada pela Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet). Pretendemos que esteja em condições de ser distribuída aos sócios e participantes durante o VII Congresso Internacional do Ceib.

Colabore conosco divulgando o evento. Contamos com a participação do maior número possível de associados!

ASPECTOS DA POLICROMIA NA IMAGINÁRIA PERNAMBUCANA

Beatriz Coelho*
Maria Regina Emery Quites*

Fotos: Maria Regina



*Figura 1 - São Cosme. OTSF.
Madeira dourada e policromada
93 x 50 x 30cm.*

ANTECEDENTES DA PESQUISA: IMAGINÁRIA MINEIRA

Há mais de vinte anos estudando a escultura religiosa de Minas Gerais, enfocamos vários aspectos, como materiais empregados, técnicas utilizadas, iconografia, análise formal, estilística e histórica, abordando imagens de talha inteira e de vestir. As obras têm sido estudadas, buscando-se determinar, de maneira científica, os suportes e os materiais empregados na sua policromia. Para isso, após autorização dos responsáveis, eram removidas pequenas amostras do suporte, nas bases inferiores das peças. Inicialmente, o material era enviado para o Doutor Pedro Luiz Braga Lisboa, do Museu Goeldi, em Belém do Pará, especialista em análise de madeiras por meio de exames macroscópicos ou microscópicos. Posteriormente, elas começaram a ser encaminhadas para o Instituto de



*Figura 2 - São Damião (Det.) OTSF.
Madeira dourada e policromada*

Pesquisas Tecnológicas (IPT) na Universidade de São Paulo (USP), para os pesquisadores Geraldo José Zenid, Adriana D. C. Costa e Maria José de A. C. Miranda. Amostras das policromias foram e continuam sendo analisadas no Laboratório da Ciência da Conservação, do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Lacicor/Cecor) da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. O estudo dos materiais envolveu também análises organolépticas (quando a peça é observada a olho nu) e laboratoriais, para definir os materiais que foram utilizados pelos artífices dos séculos XVIII e XIX na confecção de suas esculturas. Para isso, foram feitas radiografias e exames minuciosos da estrutura; verificação do tipo de olhos, se pintados ou de vidro; número de blocos, sua localização, sistemas de união e marcas de ferramentas. Na policromia, era analisada a estratigrafia; tipo de folhas metálicas e sua distribuição; presença de técnicas como esgrafito, punções, relevos e outros materiais. Fizemos estudos também sobre os desenhos usados nas representações das indumentárias.

Fotos: Beatriz Coelho



*Figura 3 - Santa Gertrudes.
Acervo do Museu do Estado de Pernambuco.
Indumentária totalmente revestida com folhas de ouro.*

É possível levantar algumas conclusões acerca das obras estudadas em Minas Gerais. Sobre a madeira, na maioria das análises foi identificada a *Cedrela* (comumente chamada cedro), mas outras madeiras foram encontradas, sobretudo em imagens de Ouro Preto e Mariana¹.

Em relação aos olhos, verificamos que olhos pintados predominaram na primeira metade do século XVIII, e os de vidro, ocos, esféricos e com pedúnculos, na segunda metade². Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, utilizou, entretanto, no final do século XVIII (1796/1799), para o conjunto da Paixão, em Congonhas, olhos de vidro para os Cristos e pintados para os demais personagens.

Sobre a policromia, encontramos folhas de ouro em quase todas as imagens, com revestimento integral ou sob a forma de reservas. Constatamos a utilização da prata em grande quantidade na policromia das imagens de São Simão Stock e de São João da Cruz, de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, em uma Santa Efigênia, atribuída a Francisco Vieira Servas, escultor português que viveu em Minas Gerais entre 1753 e 1811, e ainda em uma Nossa Senhora das Mercês, de autor não identificado, todas da segunda metade do século XVIII. Folhas de



*Figuras 3A e 3B - Santa Gertrudes.
Policromia com elementos fitomorfos e traços paralelos em esgrafitado sobre revestimento total em folha de ouro.*



prata também foram encontradas, em pequena quantidade, em várias imagens e em alguns atributos de madeira, como em palmas de martírio dos santos ou em bases atributivas representando nuvens, em imagens de Nossa Senhora.

Encontramos grande variedade de desenhos fitomorfos (flores, folhas e palmas), geométricos, e ainda raras representações antropomorfas (figuras de querubins) em quatro imagens. As técnicas utilizadas na policromia das indumentárias foram: a punção (sempre sobre folhas de ouro); o esgrafito, (técnica em que se remove com estilete parte da camada de tinta sobre a folha metálica); o relevo, encontrado em abundância nas bordas das túnicas, mangas e mantos; e a pintura a pincel, representando folhas e flores, como também fazendo e destacando alguns elementos ornamentais, denominados ressaltos por Cláudia Guanais³.

Outros materiais, como rendas douradas, também foram encontrados em algumas imagens de Minas Gerais, consideradas por nós como originais, devido a uma espécie de degrau nas bordas, para sua colocação. Encontramos, também, cordas feitas de fibras naturais, como no São Sebastião, da Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana, e na Nossa

Senhora da Piedade, atribuída ao Aleijadinho, de Felixlândia, neste último caso, não originais.

IMAGENS PERNAMBUCANAS

Após esses estudos, resolvemos pesquisar, especificamente, a policromia de imagens pernambucanas, pois não há praticamente nada publicado sobre isso. Queríamos saber se as técnicas e motivos ornamentais seriam os mesmos encontrados em Minas Gerais, ou se teriam algumas características específicas.

Segundo a historiadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira⁴,

Se as imagens pernambucanas têm em comum com as baianas o aspecto suntuoso da policromia, as semelhanças não passam deste ponto. O desenvolvimento de uma escola regional do rococó religioso favoreceu na região a produção de oficinas locais de imaginária para integração aos retábulos do novo estilo, repetindo em menor escala o fenômeno ocorrido em Minas Gerais. O resultado foi a diversificação desta imaginária, procedente de oficinas estabelecidas nos principais núcleos urbanos dos atuais estados de Pernambuco e Alagoas que integravam no século XVIII a Capitania Geral de Pernambuco, à qual subordinava-se a da Paraíba, tornada autônoma apenas em 1799.

Ainda segundo Oliveira, “a policromia das imagens pernambucanas é de grande apuro técnico, incluindo na maioria dos casos douramento integral da peça, revelado através de um delicado trabalho de incisões em esgrafitado, com motivos geométricos ou florais em complexas composições ornamentais”.

Na pesquisa atual, selecionamos instituições de Recife e Olinda por abrigarem, em seus acervos, esculturas de várias localidades pernambucanas. Em Recife, escolhemos três instituições que têm um acervo bem representativo da arte sacra, especialmente da imaginária devocional em madeira policromada. Essas instituições foram: a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) recentemente instalado no antigo Palácio da Soledade, que serviu de moradia permanente a

Fotos: Beatriz Coelho



Figura 4, 4A e 4B - Sant'Ana. Acervo do Iphan. Madeira dourada e policromada. 102 x 51 x 28cm. Origem: Poço Comprido, Vicência, Pernambuco.



Figuras 4A e 4B - Detalhes das costas da escultura, com reservas, pintura a pincel e punções.



diversos bispos da então diocese de Olinda, na primeira metade do século XIX e fez parte, entre 1917 e 2006, do conceituado Colégio Nóbrega, dos Jesuítas. O Museu do Estado de Pernambuco (Mepe), que ocupa casarão antigo no bairro das Graças, onde viveu Dr. Augusto Frederico, filho do Barão de Beberibe. A Ordem Terceira de São Francisco (OTSF), uma das mais antigas do Brasil, instalada em 12 de junho de 1695.⁵ Em Olinda, o Museu de Arte Sacra de Pernambuco (Maspe), situado na Praça da Sé, Igreja do Salvador do Mundo, construída entre 1535 e 1540.⁶

Com objetivos e metodologia muito claros, preparamos previamente um formulário em que colocaríamos, com facilidade, título, localização e detalhes sobre as ornamentações encontradas na policromia das indumentárias de cada escultura, técnicas empregadas, e outros dados que julgássemos valiosos. Ao todo, analisamos e documentamos 56 imagens devocionais, todas policromadas, sendo 55 em madeira e apenas uma em pedra.

No Iphan, examinamos 20 esculturas: Santo Elesbão, São Moisés Anacoreta, São Benedito dos Milagres (inscrição na frente da base), Sant'Ana e São Joaquim, Maria, São José, Nossa Senhora do Rosário, duas Sant'Anas

Mestras (uma com o livro, mas sem a Menina e outra, com a menina e o livro), São Gonçalo do Amarante, Nossa Senhora da Conceição (três imagens), Nossa Senhora da Saúde, São Geraldo, São Lourenço e um conjunto de três evangelistas (faltando um deles).

No Maspe, examinamos 11 esculturas: Maria e Isabel (cena da visitação), Nossa Senhora da Conceição, São Lourenço, São Miguel, São Francisco de Borja, uma santa princesa, e um conjunto completo dos quatro evangelistas: São Lucas, São Mateus, São Marcos e São João (único identificável).

Na Ordem Terceira de São Francisco, incluindo Museu e Capela Dourada, examinamos 10 esculturas em madeira e uma em pedra, também policromada. Na Capela Dourada, cinco imagens: Santa Isabel de Portugal, São Francisco, Nossa Senhora da Ajuda, com documentação comprobatória referente a Amorim em 1867.⁷ São Cosme e São Damião (FIG.1 e 2) que têm alguma semelhança com o São Bento, do Museu de Arte Sacra de São Paulo, de autoria de Manuel da Silva Amorim, mas Pio, Acioli⁸ e França e Barboza⁹ não citam esta escultura entre as do autor mencionado. No Museu, outras cinco: São Francisco em

êxtase (busto), Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora da Conceição (duas imagens, sendo uma com suporte de pedra e também policromada) e Santo Ivo.

No Mepe, foram analisadas 15 imagens: Nossa Senhora do Leite, Santa Gertrudes (FIG. 3), Sant'Ana Mestra, em pé com a Menina no braço (FIG. 4), Nossa Senhora da Soledade (duas imagens), Santo Antônio (duas imagens), São José, São Felipe Nery, São Joaquim, outra Sant'Ana Mestra, São Francisco de Assis, Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora e São João Evangelista (cena do calvário).

RESULTADOS OBTIDOS

Como já dissemos, nosso objetivo principal era verificar características da policromia observadas a olho nu; entretanto, analisando de forma geral a iconografia, observamos que as Sant'Anas, como já sabíamos, eram bastante diferentes das de Minas e da Bahia. Elas são mais semelhantes às encontradas em Portugal, ou seja, em geral estão em pé, sustentando nos braços Maria Menina com o livro aberto na mão. Muitas das que examinamos estão em pé, com livro, porém sem a Menina, não por desaparecimento ou roubo, mas como consequência da intenção do artista. Na Bahia, muitas vezes, as Sant'Anas são representadas em pé, segurando a Menina pela mão, também em pé, e são denominadas Sant'Anas Guias e não Mestras, porque elas parecem guiar a Menina e não ensiná-la. No Museu do Estado de Pernambuco encontramos apenas uma Sant'Ana sentada, com Maria em pé (característica mais comum em Minas Gerais).

Observamos também uma representação de um santo negro, com hábito carmelita – São Moisés Anacoreta¹⁰ – devoção que não conhecemos em Minas Gerais.

Embora a iconografia seja muito semelhante, uma denominação mais usada em Pernambuco do que em Minas Gerais é de Nossa Senhora da Soledade. Há mesmo, no bairro da Boa Vista, a paróquia de Nossa Senhora da Soledade, uma Rua da Soledade e o Iphan funciona, atualmente, no antigo Palácio da Soledade. Em Minas, a denominação mais comum de uma Dolorosa é Nossa Senhora das Dores.

Observamos que a maioria das imagens selecionadas tem carnação muito clara,

Foto: Beatriz Coelho



Figura 5 - Quatro evangelistas (São João, 2º da esquerda para a direita)
Museu de Arte Sacra de Pernambuco, Olinda
Relicários em madeira prateada e dourada

outras, mais escuras, tinham recebido alguma repintura. Quanto às folhas metálicas na policromia, encontramos revestimentos completos com folhas de ouro em 75% das imagens pesquisadas (FIG. 3, 3A e 3B). Observamos aplicações em reservas em apenas seis casos (10,7 %). Em alguns, as folhas de ouro são bem aparentes e quadradas. Em outros, o dourado é bem visível, e não aparece sob a forma de quadrados, e sim com contornos compostos por curvas bem recortadas, formando as folhas dos arranjos florais (FIG. 4A e 4B).

A folha de prata não havia sido encontrada em revestimentos completos ou sob a forma de reservas em vestimentas, atributos de madeira ou anexos. Entretanto, quase ao fim do estudo, encontramos sete esculturas relicários, representando os evangelistas, com indumentárias revestidas com folhas de prata:¹¹ na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (três) e no Museu de Arte Sacra de Pernambuco, um conjunto completo (Marcos, Mateus, Lucas e João). As do Iphan, todas revestidas de prata até os rostos e cabelos, com apenas as molduras dos relicários em folhas de ouro. As de Olinda (Maspe), com carnações nos rostos e pintura nos cabelos, e alguns complementos em ouro, como lombadas de livros e sapatos (FIG. 5).

Observamos em 73% das imagens um trabalho muito rico em punções, com linhas simples ou trabalhos mais elaborados, formando texturas e preenchendo totalmente algumas áreas, como pétalas ou estames das flores. Os douradores e policromadores pernambucanos (ou que viveram e

trabalharam em Pernambuco) utilizaram uma boa variedade de punções, com pontas que formavam concavidades redondas ou ovaladas de diversos tamanhos, outras que formavam quadrados ou estrelas e, ainda, um tipo de punção que, de um só golpe, formava um retângulo pequeno e estreito, composto por linhas paralelas. Essas últimas punções podem formar flores e linhas (FIG. 6).

Encontramos esgrafito em 71% das esculturas. Já conhecíamos imagens devocionais pernambucanas em madeira policromada com esgrafito em linhas finas, sinuosas e contínuas, preenchendo todo o fundo da imitação de tecido, e que é conhecido como caminho-sem-fim ou vermiculura¹². Esse tipo de decoração foi também usado em imagens portuguesas. O que nos surpreendeu foi a grande variedade de formas e tamanho dos esgrafitos. Encontramos em duas imagens formas quadradas e grandes, feitas com linhas irregulares e curvas concêntricas, que vão emendando umas nas outras, parecendo vermiculuras gigantes, e entremeadas algumas vezes por estrelas douradas. Verificamos, também, a presença de esgrafitos em forma de pequenos Us, cujo conjunto lembra escamas (10%); círculos pequenos, ao lado uns dos outros, e muitas áreas preenchidas com pequeninas estrelas de oito pontas (26%) e traços paralelos ou em ziguezagues (41%), preenchendo grandes áreas de fundo (FIG. 7).

Observamos que em 23 imagens (41%) foi utilizada a pintura a pincel, formando flores e folhas em diversos arranjos, quase sempre valorizados por pinceladas mais escuras, que reforçam e realçam o desenho, sugerindo tridimensionalidade.

Os motivos ornamentais encontrados nas indumentárias foram: flores, folhas de acanto, palmas e desenhos geométricos ou geometrizados. Não encontramos figuras antropomorfas. As flores - rosas em geral - em muitos casos são bem simples e de vários tamanhos; entretanto há folhas de acanto e flores com desenho bem definido, que formam curvas e contracurvas muito bem elaboradas, que lembram a policromia das imagens mineiras. Em uma Sant'Ana tipicamente pernambucana, ou seja, em pé, com a Menina Maria em seu braço esquerdo, foi possível identificar grandes arranjos de flores e folhas, executados em pintura a pincel, lembrando muito a pintura encontrada em imagens baianas (FIG. 4A e 4B). No inventário do Museu, entretanto, foi possível verificar o local de procedência: Poço Comprido, que é um antigo engenho do município de Vicência, em Pernambuco, na divisa com Alagoas¹³. As folhas desses arranjos foram executadas em reservas douradas bem recortadas e com muitas punções, diferentemente das encontradas na Bahia, que têm as folhas normalmente em pintura clara, feita a pincel.

As túnicas, mantos e mangas das vestimentas têm bordas bem trabalhadas, com desenhos geométricos ou fitomorfos, feitos com esgrafiados ou punções. Em Minas Gerais, como também na região do Porto, em Portugal, essas bordas eram executadas muitas vezes em relevos, feitos, nas Gerais, com o mesmo material da preparação para a policromia. Em Pernambuco, nos casos em que há relevos, estes são feitos na própria talha¹⁴, o que se pode verificar com facilidade nas áreas de perdas, como no São Geraldo, do Maspe e, com uma observação mais rigorosa, no São Lourenço, do Iphan.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após conhecermos um pouco mais as imagens devocionais existentes nas quatro importantes instituições de Pernambuco, pudemos constatar a grande riqueza da escultura sacra pernambucana e a alta qualidade de sua policromia. Os policromadores da região deram grande importância aos elementos fitomorfos representados nos tecidos das vestimentas, mas a policromia pernambucana se caracteriza, em muitas esculturas devocionais, especialmente pelo delicado trabalho executado com punções e

Fotos: Beatriz Coelho e Maria Regina



Figura 6 - Punções. Da esquerda para direita: circulares; quadradas; ovaladas e de traços paralelos.

esgrafitos nas áreas do fundo da imitação de tecidos. Alguns padrões são recorrentes, como os esgrafitos em linhas sinuosas e contínuas de pequeno tamanho, trabalhadas por mãos, em geral, muito seguras, formando os caminhos-sem-fim ou vermiculuras; outros formam curvas com linhas irregulares e concêntricas, em tamanhos bem maiores e, em alguns casos, entrecalados de estrelas em esgrafito. Recorrentes, também, são os esgrafiados formados por pequenos traços, compondo estrelas de oito pontas e, também, em formas de Us, dando uma textura que separa o fundo dos outros elementos representados.

As bordas das indumentárias são muito bem trabalhadas, com desenhos fitomorfos ou geométricos feitos, principalmente, por punções, esgrafiados ou a combinação das duas técnicas. Como já foi dito, encontramos relevos entalhados na madeira, fazendo parte da talha, e não feitos com a base de preparação. Não encontramos aplicações de renda dourada, como pudemos constatar em esculturas policromadas em Minas Gerais. Isso não significa que não existam esculturas com esse acabamento, pois estudamos uma amostra representativa, mas não o total das esculturas devocionais pernambucanas.

Foi surpreendente encontrarmos esculturas quase totalmente revestidas com folhas de prata, pois não havíamos constatado seu emprego mesmo aplicado em reservas ou atributos.

Algumas questões, entretanto, ainda estão sem respostas: por que, nesses dois casos, não havia nenhuma policromia sobre as folhas de prata? Por que o revestimento em folhas de prata exatamente em dois conjuntos da mesma iconografia? Uma hipótese, que deverá ser mais aprofundada, é que, como são imagens relicários, poderiam ter sido revestidas de prata para compor uma mesa de altar com outras peças do mesmo material, como observado recentemente em Évora, Portugal.

Para concluir este artigo sobre os resultados de nossa pesquisa, podemos dizer que a policromia da imaginária pernambucana é de excelente qualidade técnica e artística, e possível de ser identificada, entre outros aspectos, pelo delicado, caprichoso e diversificado trabalho em esgrafiado e punções entremeando seus elementos principais.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem aos responsáveis pelas instituições nas quais as imagens foram estudadas, pela excelente acolhida que receberam para a realização da pesquisa:
Frederico Faria Neves de Almeida; Superintendente do **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**;
Dom Irineu, Diretor do **Museu de Arte Sacra de Pernambuco**;
Margot Monteiro, Diretora do **Museu do Estado de**

Pernambuco;

Roberto Varela, Diretor da **Ordem Terceira de São Francisco do Recife**, e às restauradoras Débora de Assis Mendes e Pérside Omena, pela carinhosa e eficiente atenção com que foram recebidas.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Nesse caso, muitas esculturas foram do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra, e não sabemos exatamente a procedência das imagens, apenas que eram da diocese de Mariana. Ver mais em: COELHO, Beatriz. *Materiais, técnicas e conservação*. In: COELHO, Beatriz (Org.). *Devoção e arte. Imaginária religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2005, p. 233-245.

² Esses pedúnculos denotam a técnica de vidro soprado.

³ GUANAIS, Cláudia. Padrões, cromatismos e douramentos na escultura sacra católica baiana nos séculos XVIII e XIX. *Boletim do Ceib*, Belo Horizonte, Ceib, V. 14, n. 48, p. 1-6, março de 2011.

⁴ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *A imagem religiosa no Brasil*. Mostra do Redescobrimto/Arte Barroca. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000, p. 37-79.

⁵ PIO, Fernando. *A Ordem Terceira de São Francisco do Recife e suas igrejas*. 4. ed. Recife: Imprensa Universitária, 1967. p. 17.

⁶ PIO, Fernando. *Roteiro de arte sacra*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação

Fotos: Beatriz Coelho e Maria Regina



Figura 7 - Esgrafito. Da esquerda para a direita: vermiculura simples; esgrafito em círculos; formas irregulares concêntricas e estrelas de oito pontas.

e Cultura, Departamento de Imprensa Nacional, 1961, p. 14.

⁷PIO, Fernando. *A Ordem Terceira de São Francisco do Recife e suas igrejas*. 4. ed. Recife: Imprensa Universitária. 1967. p. 108. "Entre os os anos de 1866 a 1867 resolveu, entretanto, a Ordem mandar fazer, pelo imaginário pernambucano Manuel da Silva Amorim, uma nova imagem que é a que se vê, hoje, no dito altar mor da capela dourada. Da primitiva, vinda de Lisboa, não há notícias".

⁸ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A identidade da beleza: Dicionário de artistas e artefices do século XVI ao XIX em Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, ed. Massangana, 2008. 436 p. II.

⁹FRANÇA, Conceição Linda; BARBOZA, Kleumany. *A imaginária sacra pernambucana do século XIX: história e técnica da obra de Manuel da Silva Amorim*. ANPAP, 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. 20 a 25/09/2010, Cachoeira, BA. p. 2689 - 2703.

¹⁰Este santo, monge e mártir, é também conhecido como São Moisés Negro ou São Moisés Etíope. "Nasceu c. 330, morreu em Serkis, c.405. Comemoração 28 de agosto". ATTWATER, Donald. *Dicionário dos santos*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. p. 216.

¹¹Foram colhidas pequenas amostras e feitos testes microquímicos no Laboratório de Ciência da Conservação do Cecor (Lacicor) quando foi confirmada a presença da prata.

¹²Alguns desses desenhos imitam o caminho feito por um parasita pequeno - larva migrans - que, ao mover-se na região subcutânea, forma marcas sinuosas.

¹³Segundo informações disponíveis no site do Sistema Jornal do Comércio de Comunicação, de Recife, Poço Comprido possui um belíssimo conjunto arquitetônico, formado pela casa grande, capela e senzala. "A setentista casa grande assobradada é a única remanescente do século XVIII em Pernambuco". Disponível em: < <http://www2.uol.com.br/JC/sites/7maravilhas/poco-comprido.html> >. Acesso em 14.07.2011.

¹⁴Essa é a opinião também de experientes restauradoras pernambucanas, como Pérside Omena e Débora Assis Mendes.

* **Beatriz Coelho** é conservadora e restauradora, professora emérita da Escola de Belas Artes da UFMG e Presidente do Ceib.

* **Maria Regina Emery Quites** é conservadora e restauradora, doutora em História (Patrimônio) pela Unicamp, professora adjunta da Escola de Belas Artes da UFMG e Vice-presidente do Ceib.

Esta pesquisa foi possível graças ao financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

CEIB

Presidente de Honra:
Myriam A. Ribeiro de Oliveira
Presidente:
Beatriz Coelho
Vice-Presidente:
Maria Regina Emery Quites
1ª Secretária:
Ieda Faria Hadad Viana
2ª Secretária:
Carolina Maria Proença Nardi
1º Tesoureira:
Elayne Granado Lara
2ª Tesoureira:
Alessandra Rosado
Estagiária
Daniela Cristina Ayala

ENDEREÇO

Escola de Belas Artes da UFMG
Bloco D, 2º andar
Av. Antônio Carlos, 6.627
31.270-010 Belo Horizonte, MG
Telefone: 55 31 3409-5290
ceib@ceib.org.br
www.ceib.org.br

BOLETIM

ISSN: 1806-2237
Projeto gráfico, arte e editoração:
Helena David, Beatriz Coelho
Revisão: Alexandre Habib
Tiragem 500 exemplares
Periodicidade: quadrimestral

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do BOLETIM DO CEIB.

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.